

# Ainda o 16 de Julho

«**E**SCUTEM-TE ou não (...) saberão que há um profeta no meio deles.»

Volto à Palavra de Deus dirigida ao Profeta Ezequiel com que terminei a quinzena passada. E refiro-a, obviamente, a Pai Américo nesta data em que a grande Família que Ele gerou no Nome e pelo Nome Santíssimo de Jesus expressa mais vibrantemente o louvor e o agradecimento pela Graça que ele nos foi.

Ontem, 20, ocorreu a costumada reunião de antigos rapazes de muitas gerações, com mulheres e filhos — menos concorrida, mais pacata que em outros anos, mas nem por isso menos saborosa e significativa da afirmação de «como a Família é verdade!» Cito propositadamente o nosso Fernando Pessoa, porque os Poetas constituem uma espécie humana incapaz de não chispar da inspiração que os move, centelhas da Verdade que os Profetas proferem movidos pela *Inspiração* e consequente força de alma que os transcende.

«Como a família é verdade!» Eis uma certeza fundamental que enformou o pensamento e acção

de Pai Américo e o fez repetir amiudadas vezes, magoado pela pobreza das ressonâncias, o «nós somos uma palavra nova».

Sessenta anos depois, continuamos a sê-lo; e parece que ainda mais, agora, do que já fomos, entretanto.

O Povo simples, o autêntico, ainda imune da soberba instalada — que tem na alma carácter de Poeta que o abre à Verdade — entende e ama. Os estudiosos que se debruçam sem preconceitos na investigação do verdadeiro — também. O Poder — não. Nem é humilde nem livre dos seus interesses. E sem isto, nada. Torna-se impossível a verdade na vida, quer das pessoas quer das instituições.

«A rainha do Sul (...), os homens de Nínive levantar-se-ão no Dia do Juízo com esta geração e hão-de condená-la» — lembrava-nos esta manhã o Evangelho pela boca de Jesus — por causa da insensibilidade da dita geração à Verdade que Jesus é.

«Naquele tempo» foi assim. E agora? Que juízo farão os homens de amanhã dos desta geração?!

No entanto à juventude de hoje presta-se a atenção que convém aos interesses do imediato, da oportunidade: iludem-na, vão-na adiando... Há secretarias de Estado para a entreter. Há projectos de ocupação em fantasias e projectos de formação que não formam ou preparam para irrealdades. Há uma instituição escolar instável e mal-sã a braços com insucessos que têm raiz nela. Falta uma educação austera para o trabalho. Sobra uma filosofia de permissividade e de encosto a programas disto e daquilo e a subsídios que não duram sempre. Tudo embalado em milhões que se atiram à cara das gentes como se neles estivesse o valor do que se faz; e, naturalmente, o rendimento é fraco.

Passamos para a Cultura e damos com ministério e secretaria de Estado promovendo e sustentando, outra vez pelo preço de milhões, uma *culturite* aguda — que seria óptima (sem o *ite* das infecções!) como sobremesa se o prato forte da mesa estivesse confeccionado e pronto a servir para

Continua na página 4

## PASSO A PASSO

### Oportunidade de mostrares o teu amor

**C**OMO é grande a oportunidade de mostrares o teu amor! Há uma multidão imensa de homens e mulheres a precisarem daquilo que te sobra e que te deixa tantas vezes indisposto. Indisposto o que tem a mais; indisposto o que tem a menos. O mundo está feito para o equilíbrio. Para a equidade.

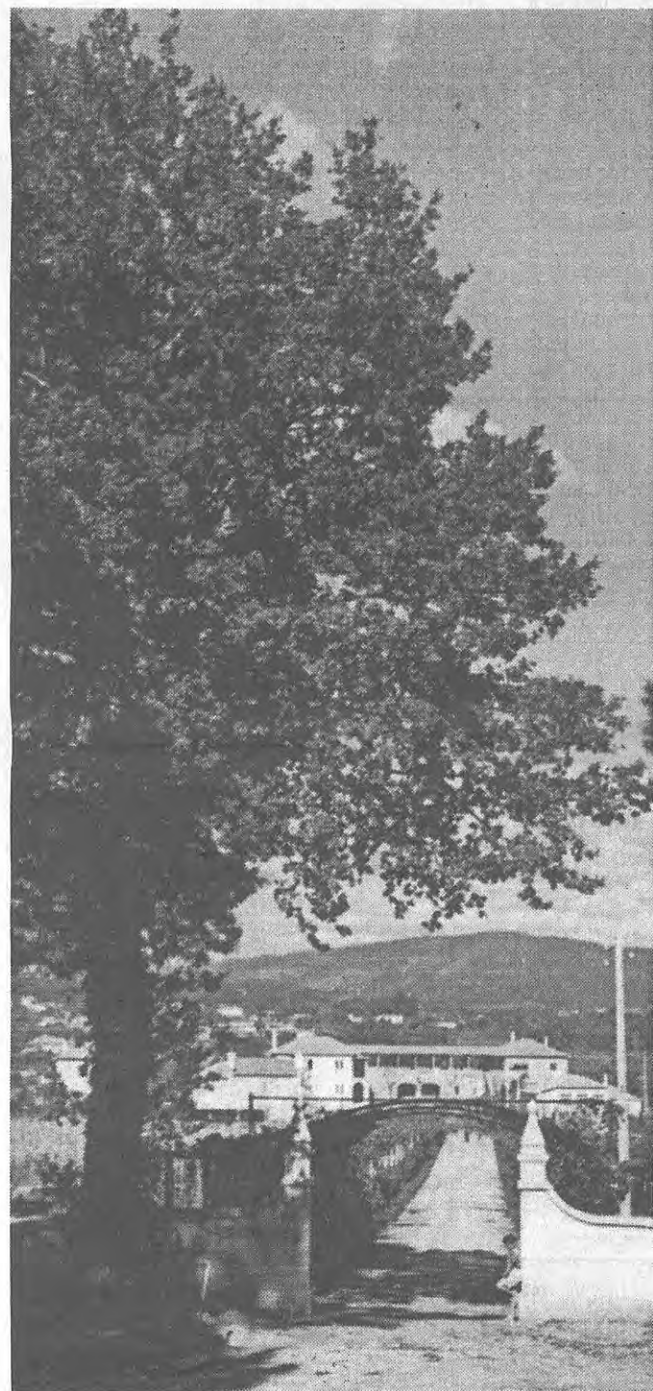
O Evangelho entra pelo estômago, como verificava Pai Américo. E a amizade e a paz também só podem entrar pelo estômago. Ninguém conquista ninguém dando ao Outro aquilo de que ele não precisa. Só lhe dando do que carece se podem estabelecer laços de amizade. De outro modo cada um olhará mais e mais para o seu umbigo.

Aqui, por estas partes do continente africano, tem-se fome de amizade. Amizade que quer ganhar corpo através de gestos concretos. Não encontras orgulho, soberba, como poderias imaginar. Encontras corações abertos cheios de gratidão por coisas tão pequeninas, como por uma boleia que se dá, por uma mão estendida a cumprimentar ou a fazer chegar e a receber coisas singelas.

Aí, desse lado, não é bem assim. Talvez o preço da humilhação a pagar por uns e outros. Choque de culturas? Pode ser que sim, mas sempre feridas a sangrar por não se comunicar o que cada um necessita de receber. Se cada um não tiver o Outro como um seu igual, no seu coração, no sentido fraterno que une a humanidade, não pode haver amizade; não pode acabar o racismo seja de que espécie for; não pode haver paz.

E é este dizer que sim, que se quer ser homem com os outros homens, que se quer ser filho de Deus, que se constrói com a partilha de bens. Tenha o nome que tiver, deve chamar-se e ser chamada: querer bem.

Padre Júlio



## CALVÁRIO

# Ramos de flores

**O** manto vegetal que cobre a nossa quinta vai alterando o matiz sorrateiramente ao longo do ano.

As flores silvestres tingem-no por todo o lado, desde o tojo amarelo nas matas ao trevo branco e singelo, aos pampilhos garbados e rústicos que teimam em viver à beira dos caminhos, no meio das hortas e dos pomares.

Debaixo da policromia de tons, nas jeiras extensas e nas matas frondosas, o verde nunca chega verdadeiramente a sumir-se. Ele é a matriz que permanece.

O «Melro» delira com as flores. E vai por elas onde quer que despontem. Colhe malmequeres aqui, junta-lhe dedaleiras além e entremeia o braçado com ramagem de carvalhas e de aleluias. Ata tudo com um varaço de sisal e o ramo das flores ergue-se feliz nos seus braços.

— *Olhe, estas são bem bonitas!* — diz-me, surgindo do pomar.

Espreito o caminhar do rapaz. Ele entra na capela a sorrir e depõe o ramo aos pés da Virgem Mãe — imagem antiga, seiscentista, muito nobre, como são todas da daquela época.

Sai e regressa sereno ao trabalho de ajudante de cozinha, tendo feito um intervalo delicioso para ele.

O «Melro» está connosco há vinte e cinco anos. É um rapaz epilético, de grande mal, com um coeficiente intelectual muito baixo. Ainda brinca com qualquer coisa que encontra por aí. Esta é a sua casa. Esta é a sua família. Não conhece a mãe. Nunca fala dela.

Ora, a mãe vem visitá-lo hoje. Vem de longe, de país distante do nosso. Anda por lá desde que ele aqui entrou. Traz um sacco com roupas, calçado, guloseimas.

Mando chamar o rapaz. Este vem devagar, muito ausente como é seu hábito. Passa por nós sem levantar os olhos e num repente corre em direcção à cozinha para descascar batatas e preparar a hortaliça.

A mãe estremece. Empalidece. E as lágrimas brotam-lhe em catadupa na face.

— *Ele não me conhece!*

Na verdade, não. Nunca estive com ela. Não tem a mãe na sua memória. Mas a exigência de a ter, continua bem forte no mais profundo do seu ser. É uma reclamação inata.

A rejeição dum filho nascido ou por nascer, a indiferença ou mesmo o simples esquecimento dele são aberrações nas coordenadas normais da vida de todo o ser humano. Todo o homem, mesmo sem o exprimir, clama no seu interior pela mãe. Nada nem ninguém a substitui.

Por isso o «Melro» foi ao campo colher flores e depositá-las aos pés da Virgem, Mãe Universal que elegera para si.

Valeu a pena erguer este templo de granito só para ver o «Melro» entrar e depor flores aos pés duma imagem antiga de Mãe que esperou séculos por este gesto, o gesto dum filho que escolheu a Mãe e a estima e venera à sua maneira.

O mãe, tão tarde chegaste para conhecer teu filho! Tão tarde, que ele não pôde esperar mais e arranjou outra e é a Ela que hoje leva o ramo das flores que apanhou nos campos da nossa quinta.

Mas quantas flores secam nos prados porque não há filhos que as apanhem!

Quantas flores ficam por apanhar porque não há mães que as queiram receber!

Oh mães!

Padre Baptista

# Pelas CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

**MAIS UMA OBRA** — Ele tem cinco filhos. Trabalha no Porto. Como, aliás, muita outra gente desta vasta Região do Vale do Sousa.

Vive em lugarejo distante. Quilómetros difíceis de subir, diariamente! E, cada vez mais, por via da sua idade.

Desde há tempo, quando topámos o pobre homem no regresso ao lar, ficámos impressionados por vê-lo estirado em um ou outro muro, face transparecendo dor e cansaço, recuperando forças... para chegar ao fim.

Esta imagem dolorosa que nos apoqueta, testemunha como é difícil, a muita gente pobre, auferir o pão honestamente com o suor do rosto.

O nosso amigo prima pela limpeza, pelo seu porte. Mais: vive e testemunha a sua fé!

Solução: Temos agora vaga uma moradia do Património dos Pobres. Situada onde está, reduz quase a meio o trajeto diário do Pobre. Foi das primeiras que Pai Américo construiu — para despertar, sobretudo, as comunidades cristãs. Nesse tempo (1951) erguida com simbólica oferta dum conceituado empresário de Guimarães — berço da nacionalidade.

Na sua história, a casita deu guarida a vários utentes. Alguns, Deus já os levou. *Vita brevis!* Para além de Pai Américo, esses Pobres também são — porque não!? — nossos interessados...

Nos últimos tempos, por necessidades pontuais, a moradia tem sido *geminada*. E deixará de o ser. Vamos ampliar a área habitável do prédio, sem quebrar a sua beleza arquitectónica, no caso vertente, acolhendo uma família de sete pessoas. Obra estudada, riscada, avançaremos imediatamente... Como aliás aconteceu na obra urgente daquela velhinha, angustiada pelas ruínas da casa!, e hoje vivendo feliz e dando graças ao Senhor pelo bem que usufrui no fim da sua vida temporal.

Júlio Mendes

**PARTILHA** — Treze mil, da assinante 9708, de Coimbra, para acudir à nossa «aflição da miséria material dum carenciado com pensão degradada», e também uma «ajuda para a conta da farmácia». Ainda agora pagámos uma factura de quarenta contos! Na carta vem uma bela citação de N. Clarasó: «Apesar da dor, cada sessenta minutos das minhas horas são belos, lípidos e vivos como uma flor aberta».

A assinante 20856, de Espinho, manda um cheque «para os mais necessitados, minha contribuição do 1.º semestre/97. Sei pel'O GAIATO se foi recebido».

Porto, assinante 14493: «Principiei o meu dia também com uma oração a Pai Américo, recordando-o naquela igreja da Póvoa de Varzim onde (meu marido e eu levados por amigos) fomos ouvi-lo. O que ele nos disse, na sua linguagem singela mas penetrante, acusando, sem magoar, a nossa indiferença pelos males que, já nessa época, eram tantos! (...) Junto a minha contribuição referente a Julho».

Mais dez mil, do assinante 11171, antigo condiscípulo da Escola Comercial Mouzinho da Silveira, Porto.

Idem, da assinante 26152, também do Porto, «para um caso urgente».

Agora, vem lá «a pequenina lembrança da avó dos cinco netinhos!». Segue um pouco atrasada, pelo que peço desculpa, mas é sempre com todo o carinho e muita amizade». Coração grande!

Outro óbolo, da assinante 12319, que está em Penafiel, «para se distribuir como melhor entenderem. Não é preciso agradecer. Eu leio O GAIATO de ponta a ponta...» Retribuímos o abraço amigo.

Seis mil, da assinante 5025, de Coimbra; e dez mil, da sua irmã, com a amizade de sempre. A coluna fecha com 2.500\$00 da assinante 24851, da Capital, recordando parte dnma nota publicada sobre «miséria material». Cumprimos o anonimato! E com o dobro, de outro anónimo que nos visitou.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

## PAÇO DE SOUSA

**ENCONTRO DE ANTIGOS GAIATOS** — Como é tradição, os antigos gaiatos de Paço de Sousa reuniram, mais uma vez, em nossa Casa, no dia 20 de Julho.

Primeiro foi uma homenagem a Pai Américo, na capela. Depois, a celebração da Missa no largo do hospital.

Após a celebração, foi o nosso almoço também ao ar livre. Deu, talvez, mais apetite à malta.

A tarde foi passada com os antigos gaiatos e seus familiares. Ouvimos as suas conversas e quanto lhes ficou na alma durante o tempo que estiveram em nossa Aldeia.

Foi mais um dia bem passado.

**VERA CRUZ** — Mais uma vez pudemos desfrutar da companhia e amizade dos componentes de uma excursão que alegremente se deslocou a nossa Casa.

Agora foi um grupo de Idosos que, pelo seu imenso esforço e vontade, encheram a nossa Aldeia de alegria.

Obrigado pela visita e até ao ano se Deus quiser.

**PISCINA** — Parece que a piscina está com problemas! As pessoas competentes para substituição de determinadas peças do motor, ainda não tiveram tempo disponível para reparar a avaria.

Aguardemos, com paciência.

Rui Manuel

## Barco do Amor!

A Jacques Cousteau

Barco do Amor,  
Com o teu vigor  
Sobre as ondas  
Flutuas a trabalhar!  
Trilhas caminhos,  
Vais à aventura,  
Estudas os animais marinhos,  
As plantas e as rochas  
E trazes à Humanidade  
Antídotos para a sua maldade!

Barco do Amor,  
Com o teu vigor  
Não tens medo  
Dos tempestuosos ventos!  
Navegas com vigilância  
Sob céus repletos de estrelas.  
Defendes os animais  
Que nadam com elegância!  
Fazes descobertas colossais  
Em prol da Mãe-Natureza!

Manuel Amândio

## Crónica do Lar do Porto

**UMA EXPERIÊNCIA** — Um compromisso terá ditado o meu destino por uns dias. Tudo começou com uma ausência inevitável.

O nosso Padre Baptista, do Calvário, teve que sair e eu, a pedido do nosso Padre Carlos, iria para lá ajudar no que fosse preciso, como, por exemplo,



## Uma visita

Chegou o dia do passeio dos alunos da Telescola! Curiosamente, o último dia que seria de aulas. Foi um espectáculo!

E uma surpresa, também. Ficámos de boca aberta quando o nosso Padre Carlos deu indicações. Ficámos a saber que estava tudo combinado com a professora Albertina.

Quando lhe pedimos para darmos um passeio, respondeu: — *Esperem para ver.*

No dia 27-6-97, pelas 9,30 h, estávamos a chegar, na carrinha nova, à porta da Biblioteca Pública Municipal do Porto, onde nos esperava a nossa professora.

Fizemos uma visita inesquecível! Até vimos, nos arquivos, o nosso Jornal O GAIATO desde o número um! Procurámos, no computador, as obras de Pai Américo; e lá estavam todas!

Obrigado a quem nos orientou. Depois, vimos a cascata de S. João. Tão linda! O maior entusiasmo foi quando subimos à Torre dos Clérigos. Sabíamos dela pelas aulas de História.

Andámos sempre a pé e todos se queixavam de algum cansaço — menos a professora! Chegou a hora de almoçarmos na Faculdade de Ciências. Até parecíamos doutores! Fomos recebidos e tratados com muito carinho, ou não fôssemos gaiatos. Alguns repetiram a refeição e uma nossa amiga pagou. Estava tudo tão bom!

Da parte da tarde entrámos na igreja de S. Francisco. Ficámos encantados com tanta riqueza vinda, alguma, do séc. XVIII (conhecimentos das aulas de História). Depois disto, seguimos a pé pela marginal até ao Palácio de Cristal onde houve uma merenda reforçada.

Bruno Miguel («Rolhas»)

Estamos ao lado do lago, frente à Faculdade de Ciências do Porto. Almoçámos na cantina da Universidade e fomos bem recebidos.

O almoço foi uma delícia! Um prato de carne, pois quase ninguém escolheu peixe.

Alguns rapazes repetiram a refeição e essa parte foi, sem que ninguém soubesse, paga por uma senhora amiga que nos reconheceu, pois faz parte da excursão Janota que todos os anos vem à nossa Aldeia.

Pedro Miguel e Paulo Jorge

O Ensino Básico Madiatizado (E.B.M.), de Paço de Sousa, resolveu fazer uma visita ao Porto.

Começámos pela Biblioteca Municipal. Bem recebidos, vimos todas as instalações onde pudemos encontrar todo o tipo de livros e ensinarmos a preencher uma ficha das obras que desejarmos consultar.

Daí, fomos à cascata frente à Câmara Municipal. Depois, à Torre dos Clérigos. Subimos a escadaria para admirarmos a maravilha vista do Porto.

Almoçámos, então, na Faculdade de Ciências. A seguir, descemos ao Palácio da Bolsa com salas maravilhosas, tendo cada uma o seu significado.

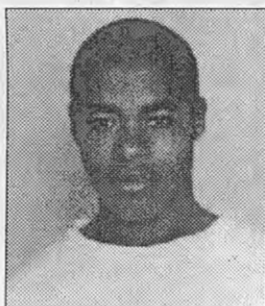
Visitámos ainda a igreja de S. Francisco: ouvimos a sua história e vimos uma cave que tem um buraco com restos mortais de pessoas aí sepultadas.

Merendámos no Palácio de Cristal, onde há muitos animais. Agradecemos a todas as pessoas que nos receberam ao longo da visita.

«Martelo» e «Sílvio»

## RETALHOS DE VIDA

### «Hugo»



Chamo-me Adão da Costa e, cá em Casa, deram-me o apelido de «Hugo». Nasci aos 15/8/79 em Malanje.

Frequento o 3.º ano do Ensino Básico. É uma pena, pois a guerra danificou-me! Porém, vou esforçar-me por progredir e ser alguém no tempo vindouro.

A minha família foi raptada pelo inimigo. Fiquei só. Portanto, houve quem tivesse a gentileza de me trazer para a Casa do Gaiato de Malanje, onde me acolheram com ternura e estou muito alegre por aqui estar.

Adão da Costa («Hugo»)

## MIRANDA DO CORVO

**PRAIA** — Regressaram os rapazes do primeiro turno; e os que foram no segundo, contentes por estarem na praia.

**ESTUDOS** — Saíram as notas dos rapazes do Lar de Coimbra. Alguns tiveram-nas boas; outros, más.

**OBRAS** — Já pintaram a casa nova. Tem azulejos e está quase pronta.

**GADO** — Morreu uma porca! Os pintos estão grandes.

Tiragem média d'O GAIATO,  
por edição, no mês de Julho:  
70.450 exemplares.

Temos um galo, uma gamisé e muitas galinhas.

**AGRICULTURA** — O milho está crescido. Agora estamos à espera que a espiga engrosse.

**CATEQUESE** — As nossas catequistas do Lar foram a irmã Marieta e Rita. Em Miranda do Corvo, as catequistas dos Moinhos: D. Maria Helena e D. Olga. Estamos agradecidos.

**PISCINA** — Quando toca a sineta para a merenda, vão obtê-la rapidamente para que o chefe dê ordem que a malta siga para a piscina.

**POMAR** — As árvores estão carregadas de boa fruta para ser colhida oportunamente.

João «Pequeno»

Daniel («Cenoura»)

## BENGUELA

# Quem ajuda a salvar o mundo das crianças de Angola?

**O**NTEM, foi dia de Festa em nossa Casa. Não pudemos celebrar o dia da Obra da Rua, em 16 de Julho, como desejávamos, por ser período normal de aulas. Fizemo-lo com uma lembrança íntima, só com a família de dentro. Por isso, reservámos o domingo para fazer a festa com a família de fora também. Foi ontem.

Desta vez, as crianças do Lar Feminino passaram o dia connosco. A Festa deste ano teve como autor principal o mundo das crianças de Angola. O seu contacto com a Casa do Gaiato permite abrir os seus corações ao facho de luz que Pai Américo nos deixou com o dom da Obra da Rua.

Quando pensamos que cerca de 50% da população de Angola não tem mais de 15 anos. Quando pensamos que 75% da população não vai além dos 25 anos, abre-se-nos um horizonte apaixonante e preocupante ao mesmo tempo. É um País que está por se fazer! Mais: uma percentagem grande da população infantil fez e faz a escola da rua. Se não houver um investimento humano sério, qual será o futuro de Angola nas próximas gerações? É o horizonte apaixonante de campo preparado para a sementeira. Mas é preocupante pela falta de obreiros que lancem a boa semente. Há projectos e iniciativas concretas a nível oficial e particular. Há grande preocupação por enfrentar o problema, por parte dum ou doutro organismo oficial. Organizações não governamentais, com uma ou outra iniciativa privada, tentam meter-se no mundo da criança da rua. Oferecem, no geral, ajudas provisórias, sem continuidade, sem uma porta aberta para o

futuro da Criança. Há o perigo, também, duma ou outra iniciativa oportunista em que a criança é um instrumento de promoção social. Tudo isto é possível num campo aberto como o da criança da rua.

Há, porém, iniciativas sérias interessantes, como a prioridade na localização e reunificação familiar; a colocação em família substituta ou a entrega a mães tutelares e outras soluções do género. Muitas crianças, em zonas de guerra mais dura, encontraram acolhimento noutras famílias e lá crescem. Onde o valor da fraternidade ainda permanece, esta porta é a mais natural, a seguir à da família. Acontece, porém, que esta riqueza do povo angolano, a fraternidade, sofreu golpes muito profundos. As famílias substitutas que tratam as crianças como filhos, são um verdadeiro tesouro. São, porém, cada vez mais raras. As dificuldades de ordem económica são muito grandes. Nos grandes centros urbanos, sobretudo, estes filhos abandonados levam problemas para as famílias que os acolhem; e elas não estão preparadas para os enfrentar.

A Casa do Gaiato é procurada com muita insistência. De momento, não podemos acolher mais. O problema dos filhos agrava-se com o problema da família.

Quem dera houvesse gente a investir nestes sectores! Esta é a grande riqueza de Angola. O mundo do dinheiro e do negócio é muito mais agressivo!

Quem ajuda a salvar o mundo das crianças em Angola?

Padre Manuel António

## LAR DO PORTO

## CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

Como nos sabe bem termos o sorriso e o olhar das crianças à nossa chegada! São autênticas heroínas na pobreza. Pouco pedem.

— Mãe, quero pão.

— Daqui a pouco já vou dar, responde a mãe.

Palavras duras de ouvir, sentimento nos incomodados.

Era para não irmos lá nesse dia. Não é pessoa de pedir muito e quisemos saber porque as crianças ainda não tinham almoçado. Olhos no chão, voz perturbada foi desfiando:

«... Eram bons vizinhos. Gostavam muito dos meus filhos. Quase todos os dias faziam de comer a mais e davam-nos. A polícia levou-os para Custódias e revistaram a casa toda. Fiquei cheia de medo. Peguei nos meus filhos e fechei-me em casa. Eles disseram que tivesse calma, que não era nada comigo. Agora temos tido muitas dificuldades em arranjar de comer. O meu homem ficou sem trabalho e só o consegui arranjar à beira de Aveiro. Ganha muito pouquinho. Eu também fui trabalhar para a senhora que me falou. Entrava todos os dias às sete horas da manhã. Gostava de andar ali, mas não tinha quem levasse os filhos à crèche e eles

não me podiam dispensar todos os dias para os levar. Ando à procura de novo trabalho. Temos dias de muitas dificuldades.»

O agregado familiar da Li são cinco pessoas: casal e três filhos. Dois rapazes de seis e cinco anos e uma menina de ano e meio. Vivem num barraco perto do Porto. O que lhes damos não é suficiente. Precisam da vossa ajuda.

**CAMPANHA TENHA O SEU POBRE** — Anónima, de Fiães, quinze mil escudos. Anónima, em vale do correio, dez mil escudos. Assinante 10770, três mil escudos. J.R.D., quatro mil escudos.

De Setúbal, J. S., dois mil escudos. Uma Amiga, de Lisboa, três mil escudos.

Anónimos, da Rua do Campo Lindo, vinte mil escudos.

Obrigados pela ajuda que dão aos irmãos mais carenciados.

Conferência de S. Francisco de Assis, Rua D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Adelaide e Zé Alves

## MALANJE

**FÉRIAS** — O nosso Padre Telmo foi de férias, procurando resolver também algumas coisas de que carecemos.

Veio o Padre Júlio substituí-lo. Ele está sempre disposto a ajudar-nos. Tem estado muitas vezes em algumas das nossas Casas num trabalho que não é nada fácil. Mas quando se tem amor, tudo se torna mais fácil do que pensamos.

**MILHO** — Fizemos uma experiência na antiga fazenda da Carianga. Depois de um longo espaço de tempo inculta, sem pelo menos uma enxada a revolvê-la, semeámos milho. A experiência foi um êxito. São 10 hectares de milho bonito, apesar de o semearmos fora de tempo. Já estamos na colheita.

**REGAS** — Temos dificuldades quanto ao sistema de rega. As bombas estão velhas, assim como a tubagem. Se alguém nos puder ajudar, nesse sentido, agradecemos antecipadamente.

**FURTO** — Aconteceu numa manhã de domingo, muito bonita. O sol reluzia, as flores abriam-se mais do que nunca... Enquanto estivemos na capela a ouvirmos a Palavra do Senhor, inofensivos dos eventos deste mundo, apareceram uns *gangsters* e roubaram-nos o vídeo e o televisor. Quando saímos, a alegria transformou-se em tristeza; tristeza, pois o nosso melhor recreio foi embora!

Jorge

## DOCTRINA

Não vá eu cair nas mesmas faltas!

Das Epístolas de S. Paulo



**N**ÃO é por mal, sim, mas eu sinto que me não faz bem nenhum o elogio escrito e falado à minha pessoa, de quem dizem cobras e lagartos nos caminhos, nos salões, nos comboios, nas gazetas, no púlpito e no altar. Tenho de me agarrar com unhas e dentes aquilo que *realmente* sou e que *na verdade* valho; tenho de admirar com sincera convicção os que no mundo realizam mais e melhor; e tenho, finalmente, de tomar como dirigida a mim a palavra quente do Apóstolo: — *Que tens tu, ó homem, que não hajas recebido de Deus?* E colocar-me no meu posto com dignidade. Em contrapartida dos que elogiam e falam, eu quisera antes que tu desses glória a Deus, silen-

ciosamente, como sabe fazer a multidão dos Humildes quando lhe bato no limiar da porta: «Bendito seja Deus, que nos não desampara». Assim, sim; destes elogios também eu gosto e faço caso porque são justos.

**O** nosso povo tem a intuição da verdade e, afeito como anda à vida de sacrifício, não admira nem estranha que outros a façam, vendo simplesmente regra onde tu, a excepção. Oh, se és meu amigo e gostas do meu trabalho, deixa-me viver em paz entre os Humildes e ajuda-me, como até agora tens feito, a *dulcificar-lhes a cruz!* Olha que eu sou do barro dos mais e se continuas com esses ataques, pode muito bem acontecer que eu venha a cair na tentação de mandar o retrato para a Imprensa, sentado na cadeira dos consagrados!

*D. Amín!*

(Do livro *Pão dos Pobres* — 3.ª vol. — Campanha de 1941 a 1942)

## TRIBUNA DE COIMBRA

# Dura foi a infância...

**O** Carlitos não foi gaiato. Bem podia ter sido, que dura foi a infância que enfrentou...

No sábado passado foi o seu casamento. Não descansava. Tinha de ser eu a presidir. Tinha de haver uma boa razão para me pôr a caminho. A vivência de muitas destas celebrações, infelizmente, é de uma superficialidade impressionante... O resultado está à vista.

O Carlitos tinha entrado no meu coração pastoral. Ele e um grande grupo da mesma igualha, em idade e condições: afastados da Igreja. Não eram como os outros. Não tinham *papillon* azul e as calças da primeira Comunhão eram emprestadas. Ao menos uma foto. Mas nem isso. Marcados pelo insucesso escolar. A Escola era, no centro da cidade, rodeada de chalés onde viviam, perfumados, os seus companheiros, os meninos ricos. Quando lá chegavam, já tinham comido a merenda toda e os livros ficado pelo caminho. Nos recreios arrastavam bulhas e por vezes partiam vidros. Conversavam na aula de ninhos e cascatas e de outras aventuras. O seu bairro era longe. No Inverno havia muita lama nas ruas e as casas cheiravam a mofo. Marcado pelo alcoolismo do pai,

nunca conseguira compreender a razão da sua morte. Era ainda tão novo. O que tinha de melhor era a sua mãe. Uma lutadora cheia de silêncio e dor, mas sempre a sorrir quando lhe perguntava por este e pelos outros.

Um pequeno atraso da noiva e veio ter comigo: — *Estou nervoso...!*

— É natural, respondi. Tudo há-de correr bem.

Os dois têm uma casa que prometi ir benzer. Ela trabalha num hipermercado. Ele, numa oficina de móveis. Uma colocação profissional conquistada com persistência na escolaridade do currículo alternativo e com a amizade do patrão. Paga 37.500\$00 mensais para amortizar o empréstimo feito ao Banco. Que vão conseguir — disse.

Durante a Eucaristia, cenas da sua vida passaram diante dos meus olhos: as calças rotas; os seus olhos de criança, tristes. A sua casa pobre, mas sempre tão limpinha. A lutadora que foi sempre a sua mãe, perto dele... Fechei os olhos e pedi ao Senhor para que os padres nunca esqueçam a dimensão da paternidade que Deus colocou no coração de cada um.

Padre João



Miranda do Corvo — Um dos «gêmeos» apanha um pássaro na oliveira.

# Ainda o 16 de Julho

Continuação da página 1

garantia da subsistência do corpo e do espírito do cidadão comum.

E a Família? A Família que é a *terra-mãe* onde se inserem todos estes rebentos de vida que importam à perfeição do homem e convém que seja *humus* de qualidade capaz de fazer crescer quantos dela brotam — quem se ocupa dela?

Ela devia ser a luz inspiradora e filtro de todas as

medidas sociais... e restalhe uns sobejos quando não são atropelos. Quem a defende? Quem a coloca na ribalta onde lhe pertence estar?

Que longe andam os homens do bem do homem!

A Graça que Pai Américo nos foi, queríamos-la alargada a horizontes imensos. «Escutem-no ou não», ele falou; e, mais, plantou árvore que se fez frondosa e, pela Providência Divina, tem abundado em frutos.

A Família! «Todo o regresso a Nazaré é progresso social cristão.» Ele, homem de Deus, pensou, agiu e disse assim.

O Poeta, mergulhando em «seu pensamento profundo», também:

«Coração oposto ao mundo, como a Família é verdade!»

Quem dera reinasse no mundo mais Fé e a intuição dos Poetas!

Padre Carlos



## Património dos Pobres

### A grande pobreza

COMO fica perto da estrada principal, mais uma vez visitámos aquele casebre onde vive família numerosa. Àquela hora estava o pai com alguns filhos. Procurámos conversar.

Dissimos quem éramos e que andávamos em viagem, a visitar famílias pobres e a oferecer a nossa ajuda aos que tivessem habitações com necessidade de obras e as quisessem fazer.

Veio logo a resposta negativa: — *Estamos aqui bem e olhem que não dormimos uns em cima dos outros. Os filhos vão crescendo e vão indo à vida. Sempre aqui temos vivido e aqui queremos continuar a viver.*

Horas antes, em conversa telefónica, o pároco da freguesia tinha lamentado a falta de diálogo e promoção daquela família. O grupo de Bem-fazer e outras associações têm procurado contactar e ajudar, mas, encontram sempre obstáculos. Alguns dos filhos não fizeram a Instrução Primária. Só uma filha se deixou cativar pela professora e é assídua à escola. Revelam pouco amor ao trabalho e não se inquietam em procurá-lo.

O Tribunal da Comarca e o Serviço Social têm também procurado intervir e dado sugestões, mas encontram sempre barreiras: — *Estamos assim muito bem.*

Parece-nos ser esta a grande pobreza da nossa sociedade. Pessoas sem iniciativa. Estão bem de qualquer modo. Não se querem inquietar nem querem ser inquietadas por ninguém. Pobreza de cabeça e de vontade. Esta é a grande pobreza.

\*\*\*

Ontem, ao fim do dia, telefonou o pároco doutra freguesia. Muito preocupado e triste por o chefe daquela família não querer obras na casa que está a ficar em ruínas e alguns filhos são ainda muito pequeninos. Um grupo queria ajudar a fazer as obras, mas o dono não deseja aceitar a oferta.

O grupo e o pároco não desanimaram, nem desistiram. Voltarão a insistir enquanto for necessário. O pároco comprometeu-se a ir, também. E têm esperança.

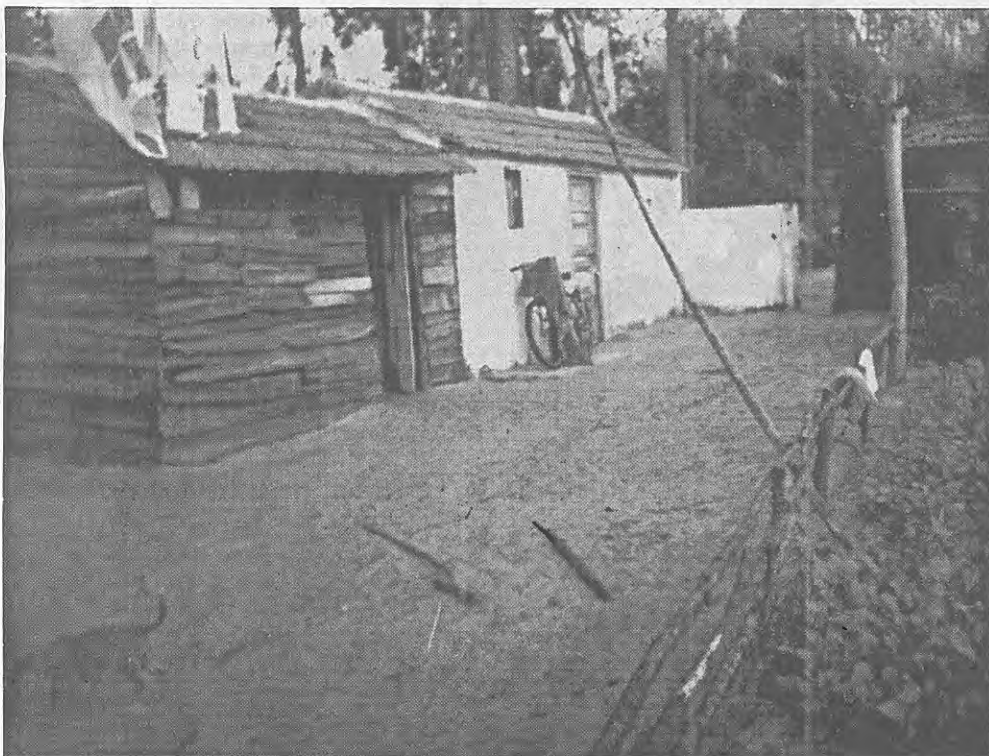
Ouvi a notícia e o desabafo e procurei animá-los. Os Pobres são mais vezes a nossa cruz do que a nossa glória. Não os podemos abandonar. Muitas vezes é necessário levá-los ao colo. Procurar ensiná-los a caminhar e orientá-los no caminho. Quem procura fazer o bem não pode desanimar com qualquer obstáculo. Deve ir até ao fim.

Padre Horácio

### PENSAMENTO

A Bondade nasce da Dor.

PAI AMÉRICO



«Aqui criei os meus onze filhos» — disse aquela Mãe.

**F**RANGUITO é um menino franzino — frango — pernalta sem penas. Nunca se zanga. Tem olhos de cor-deiro que nunca desenhavam raiva. Sempre metido nas pequenas aventuras: espigas de milho assadas nas fogueirinhas, abacates, idas à laranjeira que já tem.

— *Franguito!* Tu e quem?  
— *O Tony* — diz ele, gaguejando.

Ambos exímios na pedrada aos limões!

Há dias, apareceu o pai que julgávamos não tinha. A guerra baralhou as famílias.

O *Tony*, nada. Foi encontrado numa praça-feira com 4 anos. De família nem sombras. Reguila que chegou — este *Tony!*

Outro dia, foi comigo a Malanje. Passando numa rua indicou: «Aquela era a minha casa». Sem lhe responder, dei uma volta e entrei na rua noutro sentido. A mesma indicação: «A minha casa»:

## MALANJE

Bati à porta e apareceram duas velhinhas. Que não, não conheciam o menino.

*Tony* olhou-as e às paredes — como em dia de cacimbo sem a linha do horizonte.

**C**RIANÇAS de rua... Todos falam nelas: Uns com pena, outros para proveito próprio; alguns com indiferença.

Elas continuam. A rua é o seu encanto. Nela a sua liberdade, o seu negócio ou lugar de roubo — a perícia no tirar.

Num clima destes não é problema o dormirem num portal ou banco. Também há sempre quem caia ou dê.

Todos falam nelas! Ninguém nas fontes do mal...

Água do rio vem dos riachos. Os riachos das nascentes.

Um meu conhecido tem quatro mulheres. Deixou com a mãe os filhos da primeira, da segunda, da terceira e, em breve, a quarta deixará de ser jovem.

Estas mães sem recursos e, embora sem lhes perder o amor, deixam os filhos um pouco ao «deus-dará». No coração destas crianças sem fortes laços que as prendam à família, nasce o amor à rua.

Só esta as acolhe e espelva a sua alma com mil segredos.

Deixemos as falas sem sentido... E que os homens do mando imponham a lei que obrigue os pais a darem o alimento e a educação àqueles que geraram.

Simplem como a água dos ribeiros! Mas todos preferimos continuar mastigando nossos lamentos sobre os meninos de rua.

Padre Telmo

## VISTAS DE DENTRO

### Uma acção muito filial

**T**ENHO-ME associado à reunião-convívio anual dos nossos rapazes antigos e actuais. É sempre um encontro muito filial e familiar que em todos deixa saudades.

Dias antes começam a chegar os de mais longe e no dia, de manhã, chega a *multidão*. É dia de festa. Abraços e beijos inundam toda a Casa. Em todos há saudades e as lágrimas de alegria são o espelho do coração e da alma de cada um.

Feita a chegada começa o dia. Antes de todos nos reunirmos para celebrar a Eucaristia, que é sempre na grande catedral feita pela sombra das gigantes árvores plantadas entre o hospital e a casa três, juntámo-nos na capela onde repousa Pai Américo. Depois de uns momentos de silêncio e oração, um dos mais velhos tomou a palavra e dirigiu-se a todos: — *Há quarenta e um anos Pai Américo partiu para o Céu. De lá*

*continua a olhar por nós e pelos nossos filhos e netos...* Pegou num ramo de flores e colocou-o na pedra tumular. Levantou de novo a voz e entoou o Pai Nosso e a Ave Maria acompanhados em coro por toda a assembleia. Uma acção muito filial.

Do cantinho onde estava, o mesmo cantinho onde Pai Américo passou tantas horas de intimidade com o Senhor, recordei como ele procurou viver e pregar a doutrina do Pai Nosso, doutrina que aqueles filhos ali escutaram muitas vezes: — *Ai se nós rezássemos bem o Pai Nosso como a nossa vida seria diferente! Todos teriam pão, casa e amor.*

Na despedida, muitos beijaram a pedra debaixo da qual estão os restos do que procurou sempre ser pai e continua bem presente na vida de cada um.

O Senhor presente no sacrário, ali ao lado, não tomou a mal nem invejou todo aquele carinho de filhos.

Padre Horácio